

---

- **PESQUISAS DIALETOLÓGICAS E GEOLINGÜÍSTICAS NO BRASIL: UM OLHAR HISTÓRICO-METODOLÓGICO**

**Coordenador(a): *Vanderci de Andrade Aguilera***

Este Simpósio, que reúne pesquisadores de cinco universidades brasileiras - UNICAMP, UFRJ, UFMS, UEL, UFES -, tem como objetivo apresentar um panorama dos oitenta e cinco anos de estudos dialetológicos e geolingüísticos desenvolvidos no Brasil. Os trabalhos inscritos fazem diferentes recortes dentro desse tema geral, tendo como ponto de partida a publicação de Amadeu Amaral (1920) sobre o dialeto caipira do interior de São Paulo e, como ponto de

chegada, as últimas notícias sobre o desenvolvimento do projeto nacional, de natureza interinstitucional, Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB. Além da dimensão histórica propriamente dita dos estudos dialetológicos e geolingüísticos brasileiros, serão abordadas questões de cunho metodológico, como a preparação da equipe de pesquisadores; a seleção da rede de pontos; a elaboração de questionários lingüísticos; a operacionalização da pesquisa de campo - o papel do inquiridor; as formas de transcrição dos dados e a relevância do transcritor; e os mecanismos de organização e catalogação do material lingüístico coletado. Culminando a temática histórico-metodológica, discutem-se a importância da organização de bases de dados de natureza dialetológica, como fonte de estudos acerca da história do português falado no Brasil e a conveniência de sua disponibilização para pesquisadores dos vários ramos das ciências da linguagem.

---

## **A FIGURA DO ENTREVISTADOR E DO TRANSCRITOR PARA A PESQUISA GEOLINGÜÍSTICA**

*Vanderci de Andrade Aguilera (UEL)*

A geolingüística, desde a origem, utilizou basicamente dois métodos de recolha de dados: à distância e in presentia: inquéritos por correspondência a serem respondidos por informantes desconhecidos do pesquisador; e a coleta in loco, com informantes previamente selecionados pelo próprio investigador. As primeiras informações sobre ambos os procedimentos nos vêm das pesquisas geolingüísticas pioneiras: o primeiro, adotado por Wenker (1881) na pesquisa sobre os dialetos alemães; e o segundo, por Gilliéron na elaboração do ALF, que se serviu do interesse e da disposição de Edmond Edmont de percorrer 639 localidades e de aplicar um questionário de 1920 perguntas (1897-1901). No Brasil, revisitando os nove atlas concluídos, verificamos que, do Atlas Prévio do Falares Baianos (1963) ao Atlas Lingüístico do Brasil (em andamento desde 1996), o método direto superou o indireto. Consta-nos que o Esboço de um Atlas de Minas Gerais (Ribeiro et alii) e o Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo (Caruso, em andamento) foram os únicos a adotar, junto com a pesquisa in loco, a investigação por correspondência. Considerando-se a supremacia daquela modalidade de investigação sobre a segunda e valorizando-se o papel do investigador para o sucesso do produto final - o atlas lingüístico - é importante verificar de que forma foi feita a coleta de dados e que papel os investigadores desempenharam em tais trabalhos. Se o êxito de uma pesquisa geolingüística concentra-se fundamentalmente na habilidade do entrevistador, o papel do transcritor não deixa de ter a mesma relevância, pois, de nada valerão dados bem coletados se não forem fielmente transcritos. Nesta comunicação apresentaremos alguns casos que podem oferecer dificuldades ao investigador de campo e ao transcritor dos dados e discutiremos as estratégias para evitar ou sanar tais problemas quando se tem em vista um trabalho de alta qualidade e de credibilidade científica.

## **A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DE UMA BASE DE DADOS PARA PESQUISAS ATUAIS E FUTURAS**

*Cláudia de Souza Cunha (UFRJ)*

O estudo do português brasileiro, em sua modalidade oral, obteve incremento na medida em que se organizaram bancos de dados capazes de oferecer uma visão panorâmica da língua em uso. As monografias de cunho dialetológico produzidas na primeira metade do século XX - dentre as quais têm destaque O dialeto caipira, de Amadeu Amaral (1920), A língua no nordeste, de Mário Marroquim (1934) e O linguajar carioca, de Antenor Nascentes (1953) - abriram caminho, apresentando um elenco de variantes lexicais e fonéticas vigentes nas regiões em foco. Entretanto, é a partir da publicação do Atlas Prévio do Falares Baianos (1963) que um banco de dados

sistematicamente recolhido é disponibilizado aos pesquisadores. Seguindo os preceitos da geografia lingüística tradicional, o APFB (bem como os atlas regionais de 1ª e 2ª geração que vão sendo publicados nas décadas seguintes) recobre uma ampla rede de pontos, de forma a contemplar a variação diatópica. Na segunda metade do século XX, a recolha de corpora apresenta mudanças no tocante ao perfil do informante. Com a difusão dos estudos de William Labov e dos preceitos teórico-metodológicos da sociolingüística variacionista há um incremento para a formação de uma série de bancos de dados cuja estratificação se faz horizontalmente e também verticalmente, pois que em cada cidade registra-se a fala de indivíduos de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias. São exemplos os corpora constituídos pelo Projeto NURC, na década de 70, pelo Projeto CENSO e pelo Projeto VARSUL. Já no século XXI, o Projeto ALiB vem levantando um banco de dados estratificado, inédito quanto a dois aspectos: a dimensão (registrar-se-á a fala de 1.104 informantes em 250 municípios de todo o Brasil) e a abrangência dos fenômenos lingüísticos enfocados, visto que fazem parte do questionário questões de cunho metalingüístico, pragmático e prosódico.

### **A SELEÇÃO DO INFORMANTE**

*Catarina Vaz Rodrigues (UFES)*

Sempre houve, no planejamento das pesquisas dialetológicas desenvolvidas no Brasil, uma constante preocupação por parte dos pesquisadores quanto à seleção do informante. Basicamente todos seguiram os parâmetros propostos pela Geografia Lingüística. Contudo, nota-se uma significativa diferenciação de critérios entre as obras publicadas e também uma considerável influência da Sociolingüística na definição dos informantes em trabalhos mais recentes, os quais incluem o controle de variáveis tais como idade, sexo e escolaridade.

### **PREPARAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS LINGÜÍSTICOS: DE SERAFIM DA SILVA NETO E NASCENTES AO ALIB**

*Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS)*

A pesquisa dialetológica, in loco ou não, pauta-se na recolha de fatos lingüísticos que documentam o uso da língua por um grupo humano numa dada época. Para tanto, o pesquisador necessita de um instrumento de coleta de dados adequado ao tipo de pesquisa almejada e que contemple os vários níveis de estudos ligados à língua falada: o fonético, o semântico-lexical, o morfossintático, o pragmático, o discurso semidirigido. Com o crescente avanço dos estudos dialetológicos no Brasil, principalmente na virada deste século, pesquisadores afins se voltam para esta área e, conseqüentemente, as discussões acerca da função do questionário lingüístico nas pesquisas em Dialetologia têm se acentuado e gerado instrumentos distintos para atender as especificidades de cada projeto. Neste trabalho analisamos questionários lingüísticos utilizados como instrumento de coleta de dados em atlas lingüísticos brasileiros concluídos e em andamento, discutindo aspectos teórico-metodológicos que orientaram a sua elaboração e a estrutura desses instrumentos de recolha de dados de natureza dialetológica. Para tanto, partimos das orientações de Silva Neto (1957) e de Nascentes (1958; 1961) e analisamos os questionários do projeto de Atlas Lingüísticos do estado de São Paulo, do Ceará e de Mato Grosso do Sul; do Atlas Lingüístico do Paraná e do projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, com o intuito principal de traçar o perfil metodológico dos procedimentos adotados na construção dos questionários lingüísticos selecionados, como também estabelecer um paralelo entre esses questionários, no que se refere à estrutura do instrumento.

## **REDE DE PONTOS EM PESQUISAS GEOLINGÜÍSTICAS: CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS**

*Aparecida Negri Isquerdo (UEL)*

Um dos aspectos que caracteriza uma pesquisa em Geografia Lingüística é a obrigatoriedade da definição de uma rede de pontos para a coleta de dados e da utilização de um questionário lingüístico que garanta homogeneidade no processo de documentação dos fatos lingüísticos. Esses procedimentos metodológicos possibilitam a comparação posterior dos dados e a sua respectiva distribuição num determinado espaço geográfico por meio de cartas lingüísticas. Neste trabalho, centramos nossa discussão na questão da definição da rede de pontos, examinando critérios utilizados para a seleção e distribuição das localidades e a relação desse procedimento metodológico com o produto final de pesquisas dessa natureza: o atlas lingüístico. A definição da rede de pontos relaciona-se diretamente com a amplitude da área geográfica, cuja língua for objeto de investigação, uma vez que o tipo de atlas a ser produzido interfere decisivamente na definição das localidades a serem pesquisadas. Se o intento for a elaboração de um atlas nacional, a rede de pontos tende a ser menos densa, ao contrário dos atlas regionais, aqui entendendo-se os que contemplam uma região administrativa de um País (Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil), um estado da Federação (Atlas Lingüístico do Paraná) ou um município (Atlas Lingüístico de Adrianópolis - PR), que contemplam redes de pontos mais densas. Na discussão dos critérios que orientaram a seleção da rede de pontos para os atlas lingüísticos brasileiros, partimos das orientações de Silva Neto (1957) e de Nascentes (1958; 1961), contrapondo-as com as opções assumidas pelos autores dos nove atlas lingüísticos regionais já elaborados no Brasil e com os critérios que nortearam a definição da rede de pontos do Projeto ALIB, buscando demonstrar semelhanças e inovações na definição da rede de pontos, uma decisão metodológica de significativa importância para a documentação fidedigna de dados lingüísticos em uma área geográfica.

## **REVISITANDO AMADEU AMARAL**

*Vandersí Sant'ana Castro (UNICAMP)*

A obra de Amadeu Amaral, infelizmente, ainda é pouco conhecida dos mais novos. Esta afirmação, feita por Duarte (1976) há cerca de 30 anos, tem, todavia, certa atualidade, mesmo no que diz respeito ao Dialeto caipira (Amaral 1920), a obra mais conhecida de Amaral (e que interessa diretamente aos lingüistas). Vale a pena, portanto, visitar esse trabalho de Amaral, destacando sua importância na história de nossa dialetologia, o que significa apontar as inovações que introduziu em nossos estudos dialetológicos, os caminhos que abriu para outros trabalhos semelhantes ou mais avançados, e as questões que suscita ainda hoje para novas pesquisas. Uma das possibilidades de se retomar o estudo de Amaral seria verificar a resistência de traços do dialeto caipira até nossos dias pelo exame de materiais dos nossos atlas lingüísticos regionais. Podemos apontar pelo menos duas justificativas para esse tipo de investigação. 1ª) O tema é pertinente, dado que Amaral, em 1920, previa o desaparecimento do dialeto em "prazo mais ou menos breve". Essa previsão já foi contrariada, 50 anos mais tarde, por dados registrados por Rodrigues (1974) na zona rural de Piracicaba - SP. Decorridos mais 30 anos, é de interesse reavaliar a situação. 2ª) Os atlas lingüísticos fornecem um corpus adequado e mesmo especial para essa verificação (coletado de forma sistemática e controlada para se obter dados comparáveis), permitindo a consideração de variantes fonéticas, lexicais e eventualmente morfossintáticas; diferentemente de trabalhos monográficos, os atlas recobrem áreas extensas, permitindo a comparação do desempenho de falantes de diferentes localidades e a eventual identificação de

isoglossas; por sua natureza, os dados geolingüísticos podem ainda permitir a formulação de hipóteses históricas acerca das variantes atestadas. A propósito, examinaremos algumas cartas lingüísticas de atlas regionais focalizando o "r caipira", uma das variantes mais peculiares do dialeto descrito por Amaral.